

Irked

CULTURA. ESTILO. ARTE.

NATÁLIA LAGE

EM CENAS INÉDITAS
E SEM CORTES

PESADOS E FURIOSOS

TRATORES ENVENENADOS
NO INTERIORZÃO DO BRASIL

“TÁ UMA FASE MUITO CHATA NO RAP”

DJ ZEGON SOLTA O VERBO

SUICIDE GIRLS

A CRIADORA, OS BASTIDORES
E, CLARO, AS GAROTAS

E MAIS:

DROPKICK MURPHYS | IVAN SZAIZI |
INDIAN LARRY | COREY TAYLOR | ANDRÉ MIFANO

R\$ 14,90
ANO 2 | Nº 07 | AGOSTO/SETEMBRO 2011



#07



INKED PEOPLE

"Nunca sei se vou terminar
o show vestida ou não."

Ludmila Guerzoni

L.I.E.R.S

Até meados do ano passado, a cena rock de Buenos Aires estava meio caída. Não que não houvesse bandas poderosas, como os stoners do Los Natas, levando um grande público aos bares do underground portenho. Mas faltava energia, vitalidade, mais... Espírito rock n' roll. E, para agravar a coisa, não havia mulheres fazendo rock de verdade. Tudo isso, pelo menos, aos olhos da caliente argentina Ludmila Guerzoni. "Tinha, no máximo, uns trios de meninhas cantando sobre adolescência e depressão. Eu via aquilo e achava tudo uma porcaria", dispara a cantora de 25 anos, que, então, tomou para si a responsabilidade de salvar a pátria e saiu à caça de músicos.

Músicas, aliás, porque a banda tinha de ser toda de mulheres. "A sensibilidade é outra", justifica. Deu certo. Em junho de 2010, surgiu o Liers, quinteto feminino que faz um som inspirado em gente como Iggy Pop, MC5, New York Dolls e Led Zeppelin. "Na verdade, o que fazia a minha cabeça no começo era uma coisa mais soul, blues. Mas quando me juntei às meninas e fomos tocar, saiu rock", conta a vocalista. As meninas em questão são a guitarrista brasileira Sura Sepúlveda, de São Paulo, e as argentinas Barbi Martinez, a segunda responsável pelos riffs poderosos da banda; Emilia Kiernam, a baterista dona de longos dreads; e a baixista Rocio Pradines.

As músicas da banda, que gravou um EP com seis faixas no ano passado, são uma mistura de hard rock, punk, um tanto de garage, e um bocado de energia. Nos shows, elas soltam covers pauleira de canções como *Trick Pony*, de Charlotte Gainsbourg, e *Whatever Happened to My Rock n' Roll*, do Black Rebel Motorcycle Club. E a inspiração em Iggy Pop, citado entre as influências sonoras, aparece também na performance: é fácil pegar Sura mandando ver na guitarra só de biquini e a vocalista, confiante, arrancando peça por peça do figurino, até acabar a apresentação quase nua, assim como o Iggy no tempo dos Stooges. Quando surge uma pergunta sobre essa deliciosa inspiração, ela dá

um suspiro. "Não tem um porquê. Se me dá vontade, tiro. Se não dá, não tiro. Não é ensaiado", tenta explicar. "Nunca sei se vou terminar o show vestida ou não".

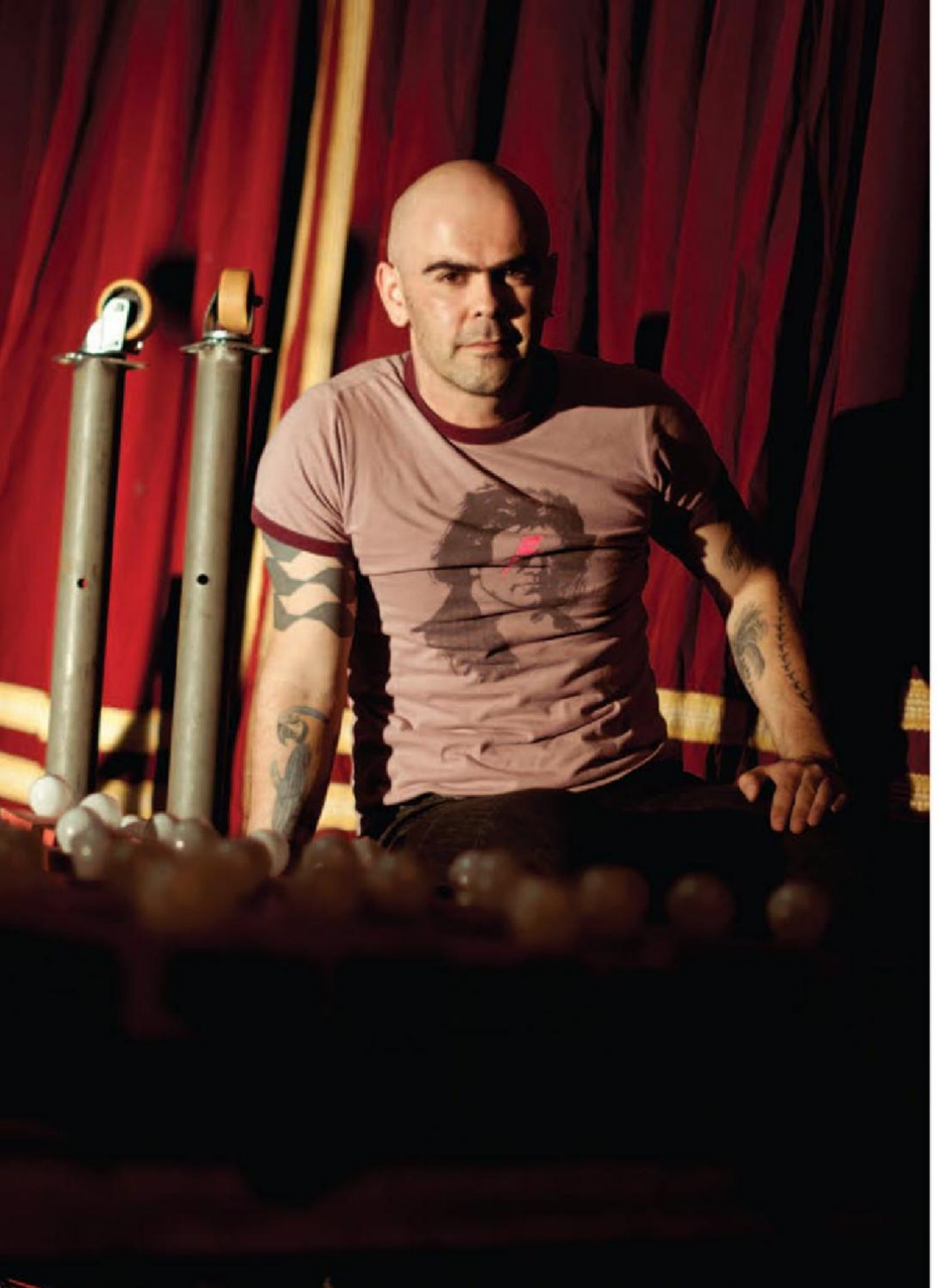
Durante esses stripteases estrategicamente não planejados, é possível dar uma boa olhada nas tattoos da moça. São nove, entre elas uma adaga, "lust for life" (olha o Iggy aí de novo) e a frase "I believe in love", gentilmente disparada por um revólver. Essa última, aliás... "O cara escreveu errado. Fui lá, falei o que queria, virei e deixei ele fazer. Nem olhei direito e saí do estúdio achando lindo. Só me toquei duas semanas depois, vendo fotos de um show que tínhamos feito. Tava 'bealive' em vez de 'believe'. Tive que apagar e tatuar de novo", conta. E aí, muchacha, pretende fazer outras? "Muchas", solta, "me encantam".

Além dela, Barbi já tem quatro desenhos. Emilia tem dois e, ao contrário das colegas, diz que pretende parar por aí. Rocio carrega oito. Um deles, na costela, novinho, nem as outras garotas sabiam que existia. Só descobriram durante o papo com a *Inked*, que rolou na primeira vez em que o Liers saiu em turnê fora da Argentina, para tocar em clubes de São Paulo. Sobre a experiência aqui no Brasil, Ludmila solta: "Muy buena onda!".

Das cinco, a única sem tattoos é Sura. "É que prefiro me expressar por meio das roupas", diz. Ela, que ainda é modelo publicitária, já participou de outras bandas, inclusive aqui no Brasil, "mas era mais eletrônico, hip-hop", e entrou pro Liers quase por sorte. Num intervalo das gravações de um comercial lá na terra do Maradona, pegou um violão que estava dando sopa e começou a tocar Smashing Pumpkins. "De repente vejo a Cinthia [Kazex, amiga de Ludmila, hoje empresária da banda], que era stylist, vir correndo: 'Você toca e não sei o quê, tem essa banda de mulheres que tá precisando de guitarrista' e tal", conta. Cinthia entra no papo: "Eu não acreditei. Uma brasileira linda, tocando rock em vez de bossa nova... Tá, isso é preconceito meu", lembra. "Foi um achado animal". De fato, Cinthia. Animal. — *Thiago Perin*



Da esquerda para a direita: Sura Sepúlveda, Rocío Pradines, Barbi Martínez, Emilia Kiernan e Ludmila Guerzoni



CAETANO VILELA

Região da Praça da Sé, centro de São Paulo. Foi lá, em meio às pessoas apressadas, ao barulho e aos trombadinhas, em um sebo devidamente empoeirado da rua Quintino Bocaiúva, que um office boy de 15 anos ouviu ópera pela primeira vez. Sua rotina era trabalhar na loja do pai de manhã, como boy à tarde, estudar à noite e fazer teatro nos fins de semana, sempre correndo para terminar as tarefas rapidinho e ir zanzar pelos sebos do centro – até então, à caça de discos de rock. Naquele fim de tarde, a vitrola da loja tocava um trecho de *Lakmé*, ópera do compositor francês Léo Delibes. E aí não teve volta. “Comprei o disco e não parei de ouvir aquela porra, até riscar. Achei lindo”, lembra.

Isso foi há quase 30 anos. De lá pra cá, a paixão pelo teatro, que já era perseguida nas aulas semanais, tomou forma e se misturou à nova que surgiu ali naquele sebo, pela música clássica. O office boy cresceu e, já ator, acumulou passagens pelas principais trupes teatrais de São Paulo – de gigantes como Ulysses Cruz, José Celso e Antunes Filho; virou parceiro de Gerald Thomas na direção de sua companhia, a Cia de Ópera Seca; dirigiu peças e iluminou mais de 70 montagens líricas dentro e fora do país – incluindo *Ça Ira*, a ópera de Roger Waters, às do Pink Floyd. Nessa brincadeira, já colocou dois prêmios importantes na prateleira: o Carlos Gomes, em 2009, e o Shell, em 2011.

Mas tudo sem pompa. Caetano continua fã de rock, é torcedor fanático do São Paulo, do tipo que vai pro estádio e sua a camisa de emoção, e carrega inúmeras tatuagens pelo corpo – coisa rara no meio da ópera. “O artista precisa dessa mistura, senão ele não cria”, diz o paulistano de 43 anos, que não aceita rótulos e se diverte com sua fuga natural dos estereótipos. “Eu chego para trabalhar e, a princípio, os cantores nem me dão bola. Quando descobrem que sou eu o diretor, rola uma saia justa”, conta. A surpresa da equipe ao se deparar com a figura jovem e tatuada que veste camiseta e jeans cai por terra quando fica clara a bagagem que ela carrega. De um “ator que brincava com luz”, passando pela fase de iluminar as peças dos amigos, Caetano, autodidata, foi

se profissionalizando na iluminação e hoje é reconhecido como o maior nome do gênero no país. “Faço o que eu chamo de ‘dramaturgia da luz’. Ela tem que contar uma história por si só, guiar o olhar do público. Iluminar os atores e cantores, que eles me desculpem, é a última coisa em que penso”. De forma natural, conforme os holofotes foram tomando conta, a atuação ficou um pouco de lado em favor de uma cadeira nos bastidores. “E eu me zuei todo. Tatuagem pra ator é foda. Mas aí a carreira de diretor já tinha ficado maior do que a de ator mesmo”, conta. “Então, larguei mão”.

O primeiro desenho, na verdade, veio cedo, aos 18 anos: um anjo no ombro direito. Pouco depois, fez outro anjo. Mas a dupla celestial logo ganhou motivos para se sentir deslocada, conforme a quantidade de tattoos aumentava. “Comecei uma viagem maior ao Brasil”, conta Caetano. “Fiz o lema de São Paulo, ‘non ducor, ducor’ [latim para ‘não sou conduzido, conduzo’], nas costas, e também as quatro estrelas do estado”. Nos braços, mais brasilidade: está lá o mapa da capital paulista, coqueiros inspirados em litografia do século 18, uma arara. Em breve, um pé de café, “a força que levantou São Paulo”, esse na perna, vai fazer companhia às outras figuras. Pobre anjos. “Tive que cobri-los”, explica.

Mas, apesar da temática bem focada quando o assunto é tatuagem, no trabalho, Caetano prefere trafegar por todas as áreas, eliminando os limites, por exemplo, entre teatro e ópera. Um dos seus projetos é adaptar as obras líricas de Richard Wagner para a dramaturgia tradicional, misturando música, dança, atuação e tudo que mais lhe vier à cabeça. “Hoje em dia, está tudo muito careta. As coisas eram mais modernas no século 19”, avalia. Para ele, que não se impõe limites na hora de criar, dá para achar pontos em comum entre tudo. Entre o futebol e a ópera, por exemplo. “Me perguntam ‘por que você gosta de futebol?’. Bicho, vai para um estádio. Não precisa torcer, só fica observando a movimentação dos jogadores. É um verdadeiro balé, assim como num palco”. Ele, no caso, gostou de assistir aos jogos com fones de ouvido. “Dia desses, passei um tempo ouvindo as óperas de Carlos Gomes”. – T. P.

PETTER BAIESTORF

Palmitos, em Santa Catarina, é a típica cidade do interior. Com cerca de 16 mil habitantes, ela se encaixa perfeitamente nos clichês de um lugarejo bucólico. Porém, a cidadezinha é uma espécie de capital nacional da iconoclastia, da necrofilia, do sadismo e de muitas outras perversões, temperadas com um surrealismo anárquico e debochado. Antes que as autoridades e o Datena entrem em ebulição, é bom saber que isso só acontece porque Palmitos é a base da Canibal Filmes e lar do seu criador, o faz-tudo de cinema Petter Baiestorf.

Chamar o cinema de Baiestorf – ou como ele mesmo diz, “sinema kanibaru” – de “visceral” não é apenas usar uma palavrinha desgastada. Com uma obra que beira uma centena de produções, entre longas, médias e curtas, ele é de longe o maior representante do gore (um subgênero do terror, com muito sangue e violência explícita) aqui pros lados deste hemisfério. Embora não se prenda ao termo, nem aos rótulos “terror” e “trash”, e prefira definir seu trabalho como “experimental”, ele achincalha sem dó pseudoartistas e pedantes em geral e assume sem constrangimentos que faz filmes de “sangueira e mulher pelada”.

Os nomes dos seus trabalhos já dão o tom, e os singelos exemplos *O Monstro Legume do Espaço*; *Arrombada: Vou Mijar na Porra do Seu Túmulo!!!*; *Sacanagens Bestiais dos Arcanjos Fâlicos*; *Vai Tomar no Orifício Pomposo*; *Demências do Putrefacto*; *Eles Comem Sua Carne*; *Blerghhh!!!* e *Vadias do Sexo Sangrento* já dizem a que vieram. E se os seus filmes não primam pela estética pura e simples, suas tattoos vão na mesma linha. “Acho que meu tatuador, o ART, de Chapecó, odeia minhas tatuagens, porque ele é bom, mas eu chego com rabiscos, uns desenhos toscos e digo: ‘Taca aí preto na pele e deu’. Essa do punhal foi a última que fiz. A do outro braço, que parece um borrão, é uma planta carnívora comendo meninas de biquínis. Tenho também uma garota desmembrada, uma mulher peituda com a cabeça explodindo, uma zumbi com a cabeça decepada, e

por aí vai. São 11, vou fazendo aos poucos, mas a ideia é cobrir o corpo todo. Não fico reparando em tatuagem dos outros, mas em mim, curto muito”.

Aos 37 anos e com mais de 20 anos de filmes bagaceiros nas costas, Petter continua ralando no underground e produzindo sem parar. “Ao mesmo tempo em que estou de saco cheio de tanto levar porrada na cabeça, também estou com cada vez mais vontade de fazer filmes ainda mais virulentos”. E a grana para viver e produzir? “Dos anos 90 até 2005, 2006, era legal, eu vendia bastante DVD. Na época das fitas VHS, era ainda melhor, dava mais lucro. Agora é só download e pirataria. Internet é bom para divulgação, mas gerou uma legião de acomodados. A gente armava umas mostras de boteco, exibia os filmes, colocava banda tocando, e a coisa funcionava. O bar enchia, as bandas vendiam demos, eu vendia filmes, camisetas, e todo mundo se divertia. Agora, noto um monte de gente divulgando eventos, mas depois fica em casa, na segurança do PC. Lugar de freak hoje em dia é atrás do computador”. Mas o diretor, ator e videomaker tosco esconde também um conhecedor apurado do cinema alternativo, apreciador de cineastas como George Kuchar, Koji Wakamatsu, Dusan Makavejev, Jan Svankmajer e Jack Smith. Então, migrar para um cinema mais convencional e bem produzido, mirando festivais e, claro, verbas públicas, não seria um caminho a seguir? “Tenho roteiros que, se fossem produzidos, dariam filmes sérios. Não fiz ainda porque minha estrutura não permite. E são filmes que quero produzir sozinho, sem ninguém para podar. Adoraria fazer um filme com bom orçamento, mas não vou chorar por isso. Tem caras que passam a vida choramingando porque ‘o talento não foi reconhecido’ se não fizerem filme com super orçamento. Se você quer fazer as coisas, vai e faz. Esses filmes vagabundos que eu faço são uma necessidade para mim. Se tivesse que fazer outra coisa, ou fosse obrigado, eu preferia virar um desses vegetais que ficam só vendo TV, esperando a morte chegar”. – Hudson Almeida



MCGREEVY'S

AMERICA'S FIRST SPORTS BAR

3RD BASE SALOON

NUFCED

SUNDAY

1200 SEP

0 FEBRUARY



DROPKICK MURPHYS

Se você estiver em Boston no dia 17 de março, no Saint Patrick's Day, há muitas chances de se tornar um grande – e bêbado – devoto do tal São Patrício ao qual a data é consagrada. Ainda mais se aparecer no McGreevy's, no bairro de Back Bay. O bar é um dos lugares mais emblemáticos para os irlandeses de Boston, onde você consegue uma pint de Guinness perfeita, pode torcer pelo time de beisebol Red Sox e cantar com o The Pogues na jukebox. E o que torna esse bar especial – ou ainda mais especial – é um de seus sócios: Ken Casey, vocalista e baixista do Dropkick Murphys. Desde o início da banda, o Murphys tem modernizado a música de seus antepassados. Juntando o banjo tradicional, o tin whistle e a gaita de fole com guitarras distorcidas e o rosnado punk, eles criaram um som único, que não poderia vir de nenhum outro lugar a não ser da Boston irlandesa.

De fato, seria uma tarefa difícil encontrar uma banda mais arraigada à cultura de sua cidade. Em 2004, quando o Red Sox ganhou seu primeiro mundial de beisebol em 86 anos, o Murphys estava lá para tocar o hino. Quando Martin Scorsese estava procurando a música ideal para abrir *Os Infiltrados*, nenhuma outra opção conseguiu bater *I'm Shipping Up to Boston*. E quando *O Vencedor* estreou nos cinemas, lá estava *Warrior's Code*, a balada da banda sobre o pugilista local Mickey Ward. É impossível pensar em Boston sem pensar no som punk irlandês dos Dropkick Murphys, e vice-versa.

Além da tradição celta e da cena local, os esportes de Boston tiveram um papel importante na música dos caras. *Time to Go*, do álbum *Blackout*, de 2003, é uma carta de amor ao time de hockey Boston Bruins. Mas foi só em 2004 que eles oficializaram seu lugar na cena esportiva local, quando gravaram *Tessie*, uma canção feita pela torcida organizada do Sox em 1903. E não é só na música do Murphys que os esportes são reverenciados. A primeira tatuagem de Casey, por exemplo, é o desenho de um dos duendes do Celtics, o time de basquete de Boston. “Quando eu tinha 14 anos e o Celtics estava no auge, era a época de Larry Bird [ex-jogador]”, conta, “e toda a molecada começou a se tatuar com o logo deles. Uns dias depois que eu fiz, estou jogando basquete num parque com galera e tiro minha camiseta, me sentindo legal pra caralho. A notícia chega até a minha mãe e ela aparece pra me dar um esporro na frente de umas 40 crianças, me arrasta pelos cabelos e me dá uma surra – imagine a vergonha”.

Do começo da banda, como um quarteto tocando em matinês para 500 moleques, há 15 anos, até se tornar a atração principal na House of Blues por um mês, no ano passado, o Murphys sempre manteve fiel às raízes. Durante as turnês do mais recente álbum *Going Out in Style*, não se surpreenda, então, se você ouvir uma versão punk de *The Irish Rover*, a última faixa do disco, um tradicional canção folk irlandesa sobre viajantes náufragos que estão muito longe de casa. – *Charlie Connell*



Na Loja Digerati você encontra revistas e livros
sobre os assuntos de seu interesse:
Games, Excel, Access, Gravação de CDs e DVDs, Hardware,
Programação, Linux, Webdesign e muito mais.

Clique e encontre o que sempre quis:

www.lojadigerati.com.br